

RESULTADOS PARCIAIS DO TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO IDENTIDADE E DIFERENÇA: O FEMININO EM NIKETCHE UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE¹

COLETTI, Gabriela²; FARIAS, Vera Elisabeth Prola³

¹Trabalho Final de Graduação I – TFG I

²Acadêmica do Curso de Letras – UNIFRA
gabicolett20@hotmail.com

³Orientadora do Curso de Letras - UNIFRA

RESUMO

Apresentado ao Curso de Letras Português/Inglês – Área de Ciências Humanas, do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, este Projeto de trabalho Final de Graduação tem como objetivo buscar o processo de construção de identidade feminina em Niketche, uma história de poligamia, nas malhas narrativas do texto literário.

Palavras-chave: Identidade; Niketche, uma história de poligamia; texto literário.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi organizado através de uma pesquisa de cunho bibliográfico e tem como objetivo buscar o processo de construção de identidade feminina em Niketche, uma história de poligamia, nas malhas narrativas do texto literário.

Moçambique, o país estudado, tem sua recente independência adquirida de Portugal, e está em fase de (re)descobrimto econômico, político e cultural.

Através de leituras, pode-se analisar a pluralidade linguística e cultural, Moçambique possui várias identidades dentro de um mesmo país. De norte a sul, os valores acumulados pela tradição oral são a maior referência cultural e um inestimável legado que a nação não pode ignorar.

Essa narrativa é importante na medida em que representa a história das mulheres após o processo de independência de Moçambique – mostrando a recuperação da identidade cultural, histórica e social de um país africano de língua portuguesa.

2 DESENVOLVIMENTO

Na contemporaneidade os Estudos Culturais tem possibilitado o diálogo entre saberes cujas fronteiras começam a se borrar e que permitem aos estudos literários a ultrapassagem de conhecimentos estritos para uma visão ampliada do texto literário.

As identidades tem ocupado espaço privilegiado nos estudos literários como possibilidade de apreensão dos movimentos históricos e culturais que se mostram no texto literário. As literaturas lusófonas, especialmente as africanas, possibilitam o (re)conhecimento de identidades formadas através de uma história em comum ,atravessadas por elementos peculiares -falamos aqui do aparentamento dessas literaturas com a literatura brasileira.

Para a melhor formação do aluno do curso de letras esse trabalho visa reforçar sua qualificação, principalmente no conhecimento dos elos entre as literaturas lusófonas, incluindo assim no seu currículo o ensino da literatura africana lusófona como forma de expandir seus horizontes e aproximá-lo de uma realidade sobre o continente africano, seja por razões culturais ou históricas. Atualmente existe a lei 10.639 que foi criada com o intuito de divulgar esse estilo de literatura e analisar a (re)construção da identidade cultural dos países africanos lusófonos. A lei determina a inclusão de história da África e dos africanos nos níveis fundamental e médio do ensino brasileiro. Assim, é possível, através da literatura, a identificação dos caminhos coloniais pelos quais passaram os povos africanos colonizados pelos portugueses e sua trajetória, abrindo caminho para a análise e compreensão das identidades constituídas por uma história em comum desses povos a partir, especialmente, de escritores de língua portuguesa que se voltaram para aspectos da colonização e pós-colonização portuguesa, como Paulina Chiziane.

A partir do contato com a literatura produzida por escritores africanos, o estudante de Letras passa a ter acesso a um universo literário extremamente rico e ainda desconhecido, possibilitando um maior contato com a cultura africana, em um momento em que o Brasil tem procurado estreitar seus laços com alguns países com os quais tem fortes vínculos histórico-culturais.

2.1 OBJETIVOS

2.1.1 GERAL

Buscar o processo de construção de identidade feminina em Niketche - uma história de poligamia, nas malhas narrativas do texto literário.

2.1.2 ESPECÍFICOS

- Identificar as marcas da identidade cultural de Moçambique, construída no processo histórico da colonização e da pós-colonização representada na ficção de Paulina Chiziane.

- Buscar as diferenças culturais das mulheres em Niketche - uma história de poligamia de Paulina Chiziane, que organizam a identidade feminina na narrativa , como representação literária.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa – eminentemente bibliográfica - obedeceu as seguintes etapas:

- *Definição do objeto de estudo;
- *Organização da bibliografia;
- *Leituras e organização do projeto;
- *Leituras dos textos teóricos;
- *Análise do texto literário;
- *Apresentação e qualificação do projeto.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Portugal começou a colonização nos países africanos no final do século XV que foi até a metade do século XIX. Durante esse período os países africanos: Guiné- Bissau, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola foram explorados política, econômica e socialmente. Essas nações estão em recente (re)construção identitária, afinal, suas libertações começaram em 1974 com Guiné-Bissau, primeiro país africano de língua portuguesa a

conseguir liberdade política do colonizador, Portugal. Os demais países conquistaram a sua independência somente um ano depois, em 1975.

Moçambique consegue a sua independência total em 25 de junho de 1975, sob o governo marxista da Frelino, chefiado por Machel. Nesse espaço de luta dos colonizados a questão identitária se faz visível, ou seja, somente quando a soberania portuguesa – e com ela a ideia de uma cultura superior é questionada, é que se abre uma fenda no interior da cultura, permitindo o resgate de signos ‘apagados’ pelo discurso colonial. Segundo Bhabha (2005) “O discurso colonial é um aparato de poder da colonização – que reconhece e repudia a diferença cultural, criando ‘povos-sujeitos’ e legitimando os estereótipos do colonizador e do colonizado”.

Com sua pluralidade linguística e cultural, Moçambique possui várias identidades dentro de um mesmo país. De norte a sul, os valores acumulados pela tradição oral são a maior referência cultural e um inestimável patrimônio que a nação não pode ignorar. E é sobre esse patrimônio linguístico-cultural-identitário que a autora moçambicana Paulina Chiziane traz no seu livro **Niketche, uma história de poligamia** (2008).

Chiziane aborda em seu livro a questão da identidade feminina no pós-colonialismo. A autora conta a história de Rami, uma dona de casa casada há 20 anos com Tony, alto funcionário da polícia.

O romance é narrado pela personagem principal, Rami. A trama desenrola-se a partir da teia de infidelidades de seu marido Tony. Após 20 anos de casamento Rami começa a se incomodar com os sumiços do marido e assim, a descobre que nesse casamento ela é apenas mais uma coadjuvante juntamente com mais quatro mulheres. Cito Chiziane, 2008, p.20

A minha vida é um rio morto. No meu rio as águas pararam no tempo e aguardam que o destino traga a força do vento. No meu rio, os antepassados não dançam batuques nas noites de lua. Sou um rio sem alma, não sei se a perdi e nem sei se alguma vez tive uma. Sou um ser perdido, encerrado na solidão mortal.

Rami revolta-se com o marido, mas não com as demais mulheres que fazem parte da vida dele, pois elas são apenas peças em uma sociedade machista e patriarcal a exemplo da sociedade moçambicana, onde os homens

ditam as regras. Segundo Lobo, 2006 “O mundo patriarcal (do sul) vai-se desmoronando também ao ritmo da degradação de Tony”. Ao conhecer essas mulheres Rami surpreende-se com a diferença cultural existente entre elas e suas origens que se espalham ao longo do território Moçambicano, daí que ela “descobre-se e descobre o país em cada uma das mulheres do marido. Mas esse acto de descoberta surge emoldurado pelas agruras de um sujeito que não abdica da sua própria condição urbana” (Lobo, 2006). Assim reflete a personagem Rami,

Nas práticas primitivas, solidariedade é partilhar o pão, manta e sêmen. Sou do tempo moderno. Prefiro dar a minha vida e o meu sangue a quem deles precisa. Posso dar tudo, mas o meu homem não. Ele não é pão nem pastel. Não o partilho. Sou egoísta. (Chiziane, 2008, p.41)

Com o passar da narrativa a personagem principal torna-se cada vez mais forte e cúmplice de suas rivais. Todas se unem com um objetivo em comum: tornarem-se independentes e auto suficientes, e assim, não mais precisarem se sujeitar as vontades do marido polígamo. De acordo com Gellner apud Hall (2004 pg. 59)

...a cultura é agora o meio partilhado necessário, o sangue vital, ou talvez, antes, a atmosfera partilhada mínima, apenas no interior da qual os membros de uma sociedade podem respirar e sobreviver e produzir. Para uma dada sociedade, ela tem que ser uma atmosfera na qual podem todos respirar, falar e produzir; ela tem que ser, assim, a *mesma* cultura.

Na jornada de tentar encarar o que o marido fazia, Rami e as quatro amantes abriram negócios e foram a luta. Venceram e tornaram-se independentes, fazendo com que Tony não tivesse mais espaço na vida delas. Isso ficou tão nítido que em certo momento, nenhuma de suas mulheres o queriam em casa.

“-Já não me servem de joelhos como antes, nem me massajam os pés quando descalço os sapatos. Ultimamente, quem me abre a porta é o criado, por que elas nunca estão em casa. Só tem a cabeça nos negócios e dizem que estão ocupadas.” (Chiziane, 2008, p. 301)

Tony representa a cultura do colonizador, opressor e dominador, mas que aos poucos vai perdendo a força para as suas mulheres. Durante a trama a autora narra a força da união das mulheres que representam a união da nação moçambicana contra o seu colonizador, em busca de sua identidade e autonomia própria como afirma Gellner apud Hall p. 53 (2004)

A identidade nacional é representada como primordial – ‘está lá, na verdadeira natureza das coisas’, algumas vezes adormecida, mas sempre pronta para ser ‘acordada’ de sua ‘longa, persistente e misteriosa sonolência’, para reassumir sua inquebrantável existência.

Tal situação nos remete a divisão feita pelo colonizador com cada país africano, ignorando suas diferenças políticas e culturais. O que foi levado em conta nessa divisão foram os interesses políticos dos países europeus que se sentiam no direito de definir fronteiras insanamente, prejudicando os verdadeiros donos da terra.

A pós-colonialidade, por sua vez, é um salutar lembrete das relações “neocoloniais” remanescentes no interior da “nova” ordem mundial e da divisão de trabalho multinacional. Tal perspectiva permite a autenticação de histórias de exploração e o desenvolvimento de estratégias de resistência. Além disto, no entanto, a crítica pós-colonial dá testemunho desses países e comunidades – no norte e no sul, urbanos e rurais – constituídos, se me permitem forjar a expressão, “de outro modo que não a modernidade”. (Bhabha, 2005, pg 26)

Quando as identidades se confundem resta resgatar o plano da memória que “tem de ser uma espécie de memória alternativa, que exponha seu próprio discurso alternativo, que não permita que a consciência ignore a realidade ou fique adormecida” cita (Edward Said apud Inocência Mata, 2006). Ao que acresce Bhabha, 2005, pg 26

Tais culturas de *contra-modernidade* pós-colonial podem ser contingentes à modernidade, descontínuas ou em desacordo com ela, resistentes a suas opressivas tecnologias assimilacionistas; porém, elas também põem em campo o hibridismo cultural de suas condições fronteiriças para “traduzir”, e portanto reinscrever, o imaginário social tanto da metrópole como da modernidade.

A narrativa é modelar no sentido de representar as identidades africanas atravessadas pelo discurso colonial e que tentam organizar seus processos de identificação na apropriação das diferenças culturais e históricas.

5 REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura. Belo Horizonte.** Editora UFMG, 2005.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche, uma história de poligamia.** Editoria Caminho, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOBO, Almir. **Niketche, uma história de poligamia: a moçambicanidade revisitada.** São Paulo: Alameda, 2006.

MATA, Inocência. **O crítico como escritor: limites e beligerâncias.** São Paulo: Alameda, 2006.

PEREIRA, Amauri Mendes. **África para abandonar estereótipos e distorções.** Minas Gérias: Nandyala, 2011.

Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem10/COLE_1542.pdf acesso em maio de 2012.